

Aprender para esquecer

José Cardoso Pires faz sua reverência irreverente aos clássicos

Norma Couri

Lisboa — Mal saiu, o novo livro de José Cardoso Pires vendeu 10 mil exemplares, entrou na lista dos 10 mais e virou conversa de bar. Porque *A República dos Corvos* (Publicações Dom Quixote), embora costure histórias de corvos, porcos voadores, baratas, dinossauros, cães cegos e pássaros falantes, tece um único tema — o mesmo de seus livros anteriores *Balada da Praia dos Cães* ou *Alexandra Alpha*: a identidade de Portugal. E o faz de modo brilhante. Para ele, dos bichos espalhados pelos sete contos quem melhor simboliza este país é o corvo, que, aliás, vem estampado na bandeira de Portugal, junto à caravela.

Suspeito, incômodo, jingão e pícaro, o corvo representa o país que mitifica a si próprio com histórias de grandes descobertas — mas ao fim e ao cabo é um sentimentalóide solitário. "Este país tem oito séculos", diz Cardoso Pires, "mas 70 por cento de sua história foram construídos debaixo da censura — ou da igreja, ou dos ditadores ou dos espanhóis. Assim, nosso povo, principalmente o lisboeta, é teatral e arrogante, carrega uma imagem cristalizada de si mesmo mas, no fundo, é o corvo do conto que acaba embalando na cadeira de balanço feito uma caravela, uma mulher morta, porque ela o tratava bem".

Os contos falam da ascensão e queda dos porcos-voadores diante de um juiz, das baratas que, em alusão à *Metamorfose* de Kafka, sepultam Franzisko K, ou do cão Duque atrelado em coito à Sandra Lulu ("ela, sim, uma cadela"). Mas este não é um livro de animais. Tal qual George Orwell em *A revolução dos bichos*, Edgar Allan Poe em *O corvo*, e Jorge Luis Borges ou Júlio Cortázar em seus livros, José Cardoso Pires escreve sobre homens. "Não devemos nos esquecer de que cada um de nós transporta seu bestiário privado — e tive prazer em ver onde o homem assume o melhor do animal e este, o melhor do homem".

Cardoso Pires, 62 anos, búfalo no horóscopo chinês, convive com bichos desde que um de seus tios amargou a existência obsecada com a engorda de um porco que jamais vingou. A mulher do tio, de apelido Raposa — assim como a sua própria é *Esquilo* — achava que era olho ruim e brigava com o marido, e assim o porco traçou vida, drama e morte de um homem. De-



pois de crescido, Cardoso Pires fixou-se no tema homem-bicho. Por isso escreveu em jornais intitulados *A Mosca* ou o *Pin-güim*, teve uma coluna chamada *Burro em pé*, publicou coleções como *Livros das três abelhas* ou *Livros do corvo*. Além de criar o gato Xavier como um amigo até o envenenarem depois que o vadio achou de fazer gerações nas gatas aristocratas da elegante região. "Curiosamente", explica Cardoso Pires cercado de pinturas ou enfeites de gato e leão em seu escritório, "não sou um zoófilo".

Este escritor que ganhou seus prêmios por unanimidade contra concorrentes da extirpe de José Saramago, é mais um "andrófilo". Principalmente quando se esmera na arte da ironia com sua escrita seca estilo anglo-saxão, ousada e substantiva. E no anarquismo literário. Descendente do neorealismo como Alves Redol ou do grupo surrealista de Alexandre O'Neill e Mario Cesariny, este escritor de 12 livros aposta em qualquer escola, desde que se rompa com ela em seguida.

Seus índices de vendagem dizem que está no caminho certo. Seus últimos quatro livros

venderam 300 mil exemplares. E o único conto de *A República dos Corvos* já publicado anteriormente, *O dinossauro-excelentíssimo*, vendeu 5 mil exemplares em três dias — "Uma história de Natal para minha filha menor que acabou mexendo a fundo com o poder", define.

Ele diz que os políticos têm, mesmo, razão de tratar mal a literatura — "a língua, mais do que a água, o peixe, o vinho, o queijo da Serra, é o item mais importante de exportação do nosso país", justifica. "É bom conhecer os clássicos com as boutades digeríveis de Eça de Queirós, ou o mau gosto de Almeida Garrett, assim como aprender bem a gramática. Aliás, a primeira regra para se escrever bem é esta, aprender a gramática e os clássicos, para depois esquecer tudo. Esta, é a segunda regra."

A República dos Corvos prova que nos últimos 10 anos, nos quais se dedicou apenas a escrever a mão e com caneta tinteiro sobre papel especial grosso, José Cardoso Pires, tal qual Dali ou Picasso em relação à pintura clássica, só fez, magistralmente, esquecer.